

PONCIÁ VICÊNCIO E PERRO VIEJO: MEMÓRIAS DA ESCRAVIZAÇÃO

PONCIÁ VICENCIO AND PERRO VIEJO: MEMORIES OF ENSLAVEMENT

Selma de Carvalho Leão¹

Raquel da Silva Ortega²

Resumo: Este artigo compõe uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo e de caráter exploratório que propõe a realizar um estudo comparativo que tem como objetos os romances *Perro Viejo* da autora cubana Teresa Cárdenas (2006) e *Ponciá Vicêncio* da escritora brasileira Conceição Evaristo (2017). Esses textos literários têm como protagonistas personagens negros (um homem em *Perro Viejo* e uma mulher em *Ponciá Vivêncio*) que possibilitam aos leitores a discussão de questões sobre a escravização. A memória tem grande destaque, pois revive-se por meio dos protagonistas negros a escravização, ficando perceptíveis as marcas do racismo e do preconceito, e as situações de subalternidades que favoreceram a desumanização do negro. Desse modo, as análises realizadas demonstraram acontecimentos violentos cometidos com os escravizados e como foi doloroso esse período do colonialismo.

Palavras-chave: Escravização; *Ponciá Vicêncio*; *Perro Viejo*; Memória.

Abstract: This article is part of a qualitative and exploratory bibliographical research that proposes to carry out a comparative study that has as objects the novels *Perro Viejo* by the Cuban author Teresa Cárdenas (2006) and *Ponciá Vicêncio* by the Brazilian writer Conceição Evaristo (2017). These literary texts have black characters as protagonists (a man in *Perro Viejo* and a woman in *Ponciá Vivêncio*) who allow readers to discuss issues about enslavement. Memory has great prominence, as enslavement is revived through the black protagonists, making visible the marks of racism and prejudice, and the situations of subordination that favored the dehumanization of black people. In this way, the analyzes carried out showed violent events committed with the enslaved and how painful this period of colonialism was.

Keywords: Enslavement; *Ponciá Vicêncio*; *Perro Viejo*; Memory.

¹ Especialista em Língua Estrangeira com ênfase em Língua Espanhola pela Universidade Estadual de Santa Cruz – Brasil. Mestranda em Letras: Linguagens e Representações na Universidade Estadual de Santa Cruz – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0002-7180-8480>. E-mail: selmacleao@gmail.com

²Doutora em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – Brasil. Realizou estágio pós-doutoral em Letras na Universidad Nacional de Córdoba – Argentina e na Universidade do Estado da Bahia – Brasil. Professora Adjunta da Universidade Estadual de Santa Cruz – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-1117-931X>. E-mail: rsortega@uesc.br

1 Introdução

A escravização é a personificação da desumanização, e a literatura “é fator indispensável de humanização” (Cândido, 2011, p. 177). Esse pensamento é relevante, pois permite tecer uma discussão sobre o período colonial, cujas práticas escravistas foram intensas, infernizando milhares de indígenas, negros e negras com ações violentas e desumanas, não tendo espaço para ações humanizadas, principalmente em países colonizados.

Nas palavras de Conceição Evaristo dadas em uma entrevista³ “a literatura nos coloca muito mais dentro da nacionalidade que a própria ciência histórica”. Na opinião da escritora, entende-se a importância da literatura nesta pesquisa, pois acredita-se que ela seja um mecanismo articulador e organizador de imagens associadas às memórias sobre a escravização a qual deixou cicatrizes profundas nos povos africanos, inclusive em seus afrodescendentes, como por exemplo, no aumento das taxas de homicídios de pessoas negras. Esse é um dos motivos que a escravização, neste estudo, tem como foco

A ‘racialização’ do projeto de nação era tendência mais evidente nos escritos portugueses e brasileiros antes da década de 1830. Em Cuba, o debate em torno do branqueamento da população se tornou mais intenso com a percepção do aumento dos afrodescendentes e dos levantes escravos a partir da década de 1830. (RAMINELLI, 2021, p. 121-122).

Com base nesse projeto, foi apresentado, na primeira seção, um panorama mais histórico sobre a escravização, sem perder de vista o colonialismo no qual se exercia todo o controle das esferas políticas, militares, sociais e econômicas, visando à exploração de pessoas e dos territórios. Na mesma vertente, na segunda parte, discutiu-se alguns aspectos sobre a

³ Entrevista no Programa Roda viva, 06/09/2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O2bxQJH-Plk>.

escravização em Cuba e no Brasil, mostrando os motivos que conduziram à escolha pelos países citados. Em seguida, pôde-se perceber, por meio das memórias de duas autoras amefricanas (GONZÁLEZ, 2020) Teresa Cárdenas e Conceição Evaristo em suas obras *Perro Viejo* (2006) e *Ponciá Vicêncio* (2017), as lembranças de ambas as autoras sobre as práticas escravizadoras. Assim, pretendeu-se demonstrar, nas três partes subsequentes, que a evocação de um passado é base para este estudo literário e para o entendimento da discriminação racial, um problema recorrente no século XXI.

2 Escravização

Um capitão, para inspirar terror nos escravos, matou um deles e repartiu seu coração, seu fígado e suas entranhas em trezentas partes, obrigando os outros escravos a comê-las, ameaçando aqueles que não o fizessem com o mesmo suplício. (JAMES, 2010, p. 23).

Pensar, falar ou mesmo escrever sobre práticas ocorridas na escravização, um dos acontecimentos da história mais violento e muito perverso com o humano, não é assunto agradável, não só pelo fato de saber que foi trágico, mas que se perpetua no mundo todo, mediante ações bárbaras, ficando evidente a desumanização. De acordo com Campello (2018, p. 65) “estudar o tráfico de escravo é essencial para compreender a própria escravidão”, pois

Os negros eram colhidos no interior, amarrados juntos uns dos outros em colunas, suportando pesadas pedras de 20 ou 25 quilos para evitar tentativas de fuga; então marchavam uma longa jornada até o mar, que algumas vezes, ficava a centenas de quilômetros e, esgotados e doentes, caíam para não mais se erguer na selva africana. Alguns eram levados até a costa em canoas, deitados no fundo dos barcos por dias sem fim, com as mãos acorrentadas, as faces expostas ao sol e à chuva tropical e com as costas na água que nunca retirada do fundo dos botes. Nos portos de escravos eles permaneciam amontoados em um cercado para a inspeção dos compradores. [...] Os africanos desmaiavam e se recuperaram ou,

então, desmaiavam e morriam: a mortalidade naqueles “depósitos” era maior do que vinte por cento. (JAMES, 2010, p. 22).

Estar diante de um quadro cujas informações causam aflições, mas nesta investigação, torna-se um conhecimento necessário, pois é um dos objetivos proposto para compreender as memórias, utilizando como suporte teórico Ricoeur (2020), das autoras amefricanas Teresa Cárdenas e Conceição Evaristo. Afinal, tanto as escritoras quanto a protagonista da ficção brasileira Ponciá Vicêncio são descendentes de escravizados e os personagens da autora cubana são escravizados, tendo como principal personagem de sua narrativa um negro chamado Perro Viejo. Em seus romances, elas retomam o tema da escravização de africanos, e as estratégias de resistências percebidas nas duas obras desencadeiam um estudo decolonial.

Algumas definições sobre a escravidão/escravização, encontradas no *Dicionário escolar da Academia de Letras Brasileiras de língua portuguesa*, não podem faltar neste estudo, nem mesmo serem esquecidas e ou apagadas de nossa memória, tampouco encontrar justificativas para o que foi esse lamentável evento histórico:

1. Sistema socioeconômico no qual um sujeito é considerado juridicamente objeto de outro, podendo este dispor livremente da pessoa escravizada; escravatura; escravismo. 2. Condição de escravo; servidão, cativo, escravatura. 3 Condição de submissão; servilismo, subserviência, sujeição. (BECHARA, 2011, p. 526).

Não se pode negar que “A escravidão é uma chaga aberta na história humana. Suas marcas físicas são ainda bem visíveis na geografia do planeta” (GOMES, 2019, p. 63), assim como as que estão na memória seja histórica seja literária. Essas cicatrizes atingem a dignidade humana, indo além do que é possível ser visto, são humilhações de diversas naturezas: física, social, cultural, intelectual e econômica. Além disso, a escravização “moldou condutas, definiu desigualdades sociais, fez de raça e cor marcadores de diferença fundamentais,

ordenou etiquetas de mando e obediência, e criou uma sociedade condicionada pelo paternalismo e por uma hierarquia muito estrita” (SCHWARCZ, 2019, p. 23). Entende-se, portanto, que qualquer forma de escravização é absurda, ela “[...] nos legou uma sociedade autoritária, a qual tratamos de reproduzir em termos modernos”. (SCHWARCZ, 2019, p. 28). Escravizar uma pessoa por ter a pele negra é, sem dúvida, extremamente cruel, pois

[...] quando se trata da questão racial, estamos muito longe do ‘viveram felizes para sempre’. Continuamos combinando inclusão cultural com exclusão social — mistura com separação — e carregando grandes doses de silêncios e não ditos. Por isso mesmo, não basta culpar o passado e fazer as pazes com o presente. (SCHWARCZ, 2019, p. 30).

Diante desse contexto segregacionista, a inferiorização de pessoas negras é uma realidade infeliz e, conseqüentemente, muitas palavras de cunho racista são pronunciadas, como: o mal, a sujeira, o pecado entre outros termos que diminuem a pessoa de cor preta, resultando em uma exclusão social.

Sobre essa questão, Fanon (2020, p. 200) considera que

[...] o negro representa, seja concreta ou simbolicamente, o lado mau da personalidade. Enquanto não tivermos compreendido essa proposição, estaremos condenados a falar em vão ‘o problema negro’. O negro, o obscuro, a sombra, as trevas, a noite, os labirintos da terra, as profundezas abissais, [...] e de outro lado: o olhar claro da inocência, a pomba branca da paz, a luz feérica, paradisíaca. Uma magnífica criança loira, quanta paz nessa expressão, quanta alegria e, acima de tudo, quanta esperança! Nada comparável com uma magnífica criança negra: literalmente, é algo insólito.

Esses termos reduzem o ser negro, marginaliza-o, são uma negação à diversidade humana, nos dão a sensação de que a exclusão se perpetuará e, ao mesmo tempo, sentimos bastante angústia. Nesse sentido, parafraseando Fanon (2020), é importante termos entendimento sobre as questões que as proposições indicam, conhecer o passado histórico colonial e entender essas expressões que alimentam o racismo, pois segundo Gomes (2019, p. 76),

transcrevendo as palavras do historiador Eric Willians: “A escravidão não nasceu do racismo; mas o racismo foi a consequência da escravidão”. Portanto, escravizar quem sempre esteve (e não se pode negar que ainda está) à margem da sociedade – justificar a prática em virtude do desenvolvimento econômico, porque a “escravidão do africano se revestiu de um caráter duplamente lucrativo” (NASCIMENTO, 2021, p. 92) ou por qualquer benefício de uma sociedade ou minimizar dores e sofrimentos decorrentes de ações discriminatórias, reafirmando a colonialidade – fortalece o preconceito racial no inconsciente coletivo.

Sobre esse fortalecimento, necessita-se dar devida atenção, pois os efeitos são destrutivos, ao privar a pessoa de seus direitos de ir e vir, de fala e de posicionar-se; desenvolve-se um círculo vicioso de opressão, repetindo práticas discriminatórias embasadas no período colonial. Esse sistema não só reproduz uma sociedade violenta, também machista e hegemônica, um resultado do colonialismo.

Infelizmente, isso não poderia ser diferente, pois “a exploração colonial transformou o mundo e gerou uma nova forma de regulamentar a escravidão, a qual passou a ser considerada pelas Metrôpoles europeias como um dos elementos centrais para a colonização do Novo Mundo” (CAMPELLO, 2018, p. 33). Além de que “colonizar implica criar constantemente obstáculos a limites e hierarquias nítidas entre populações” (PEREZ, 2018, p. 16).

Ainda, segundo Campello (2018, p. 28) a escravização sempre existiu, inclusive ele aponta essa prática cruel na Bíblia cristã, informando os versículos de 5 a 9, do capítulo 6, da Carta de São Paulo aos Efésios na passagem em que o apóstolo orienta os fiéis a tratarem bem seus escravizados. Além disso, ele acrescenta que essa ação foi aceita como algo natural desde o período imperial. Porém, Blackburn (2016, p.14) informa que a primeira escravização no Novo Mundo

[...] ocorreu [...] no período de 1529 a 1800. Estava vinculada aos sistemas coloniais de escravidão elaborados por Espanha, Portugal, Países Baixos, Grã-Bretanha e França, os quais foram finalmente abalados e finalizados por uma onda de insurreição e de abolição entre 1791 e 1848. Em alguns casos, o império foi derrotado, mas não a escravidão; em outros, a escravidão foi suprimida, mas não o império.

Blackburn (2016) deixa explícito que a escravização persiste, ela teve caráter colonial com fundamentos legais e socioeconômicos. De acordo com Schwarcz “foi e continua sendo uma especificidade incontornável da história brasileira. Herdamos um contencioso passado e estamos tendendo a perpetuá-lo no momento presente” (2019, p. 31), por isso não é possível permitir que o silenciamento perdure diante dessa prática exclusiva. Deve-se, portanto, entender que “A experiência histórica da escravização negra [...] foi terrível e sofridamente vivida por homens e mulheres, sejam crianças, adultos ou idosos” (GONZALEZ, 2020, p. 147).

É fato que durante a colonização, houve a necessidade de obter um maior número de escravizados para o cultivo da lavoura, principalmente “após epidemia de varíola entre as populações indígenas ocorrida em 1560, [...] a escravidão indígena tornou-se menos segura e mais difícil de manter” (KLEIN; VINSON III, 2015, p. 82), determinando a redução da mão de obras desses povos e iniciando as importações em massa de escravizados africanos que segundo Klein e Vinson III (2015 p.82) se deu a partir de 1570. Dessa forma, um “apoio à escravização racial transformou-se na defesa de um novo regime de supremacia branca, apreciado por brancos pobres e remediados, bem como por grandes proprietários” (BLACKBURN, 2016, p. 27). Nessa relação, princípios humanos e culturais foram negados ao povo negro, sendo inevitável o sentimento de inferioridade e “O negro é, no sentido da palavra, uma vítima da civilização branca” (FANON, 2020, p. 203). Assim, a ligação entre os negros e os brancos em sociedades escravistas coloniais está marcada por riqueza, poder,

violência; o prestígio era para os brancos e para os negros, porque os “[...] senhores de escravos inventaram verdadeiras arqueologias de castigos, que iam da chibatada em praça pública até a palmatória” (SCHWARCZ, 2019, p. 23).

Ademais, Klein e Vinson III (2015, p. 265) informam que “a violência física também era inerente à escravidão, e gerava um nível de medo e incerteza sem equivalentes em qualquer outra forma de relações de classe ou de trabalho na América”. Nesse quadro de violência física e psicológica fica explícita a relação hegemônica, pois “até o bem-estar físico do escravo e de sua família ficava a mercê dos caprichos do senhor” (Klein; Vinson III, 2015, p. 265). Nota-se, no pensamento dos autores, a ausência de humanidade e uma vida em condição subalterna, sem dignidade e sem cidadania.

Entender esse processo histórico é muito importante, porque

A escravidão havia se mostrado persistente até uma data muito avançada na sequência histórica dos sistemas de produção, com sequela de um regime econômico distorcido e uma submissão política à metrópole tradicional que, além de configurar uma determinada mentalidade pragmática e dependente, atrasou a formação de uma burguesia quantitativa e qualitativamente autônoma. A escravidão, assumida na história tradicional como sequela do grau de inferior de civilização dos africanos, havia sido uma realidade de que emanava a segregação racial e que fragmentava a identidade popular ao promover uma discriminação fortemente enraizada nos hábitos sociais. (PIQUERAS, 2016 p. 171).

O que impressiona não é somente a persistência em manter a escravização de forma muito avançada, mas as perdas que a população africana tivera, sendo como uma delas, “O esquecimento ativo de uma história pontuada pelo sofrimento, pela humilhação, pela exploração, pelo etnocídio aponta para uma perda de identidade própria”. (GONZALEZ, 2020, p. 136). Uma das consequências disso é, muitas vezes, o apagamento, não de um só indivíduo, mas de toda coletividade e de nações negras.

De forma complementar, na sessão seguinte consideraremos a escravização nestes países: Cuba e Brasil.

3 Cuba e Brasil: qualquer semelhança não é mera coincidência

“A escravização foi uma instituição fundamental com papel dominante na vida econômica, social ou política de seu respectivo estado” (KLEIN; VINSON III, 2015, p. 27), e nos vinte países que compõem a América Latina, as raízes desse passado histórico colonial de exploração brotam até os dias atuais. Esse fato teve como “desenvolvimento inicial da escravidão colonial no México, Peru, América Central e América do Sul define um sistema escravista na América Espanhola continental, distinto dos modelos caribenho e brasileiro” (KLEIN; VINSON III, 2015, p. 27).

Dentre os países latino-americanos, Cuba e Brasil são os países que apresentaram algumas semelhanças, uma delas foi por terem sido os últimos países a saírem da escravização. Além disso, o romance brasileiro *Ponciá Vicêncio* e o cubano *Perro Viejo* determinaram a escolha e o estudo pelos países supracitados que continuam sendo sociedades racistas, e como legado da escravização

A cor negra era considerada uma identidade negativa, e o ‘branqueamento’ da pele era visto como requisito prévio para mobilidades bem-sucedida. Essa visão cognitiva de todas as sociedades americanas durante boa parcela do século XX. O que distinguiu o mundo latino-americano e caribenho não foi tanto a ausência de preconceito, mas as diferenciações que esse preconceito criou. (KLEIN; VINSON III, 2015, p. 387-388).

A repulsa pelos afroamericanos, mesmo de forma velada, desenvolve sentimentos negativos na pessoa que sofre o preconceito, essa aversão é muito perigosa, porque o racismo se torna naturalizado (mais uma consequência da escravização do período colonial). Nesse sentido a escravização no continente

americano não só teve forte influência no desenvolvimento das práticas racistas, também “a escravidão africana preponderou com força econômica” (KLEIN; VINSON, 2015, p. 74), dessa forma o trabalho escravizado foi predominante.

Em virtude do progresso econômico nas colônias latino-americanas, o verbo escravizar fora conjugado em todas as pessoas verbais, afinal a mão de obra era barata, um trabalho árduo e explorado, sendo que os desvalorizados tinham a pele preta, corroborando a escravização americana racial, e aos senhores certamente estaria tudo conforme seus objetivos. Além disso, “Os principais territórios da segunda escravidão apresentavam vantagens naturais para o cultivo das principais *commodities* – cana-de-açúcar em Cuba [...] e café no Brasil” (BLACKBURN, 2016, p. 19-20). Ainda, seguindo o raciocínio de Blackburn (2016, p.19) “[...] se levássemos em conta apenas a produção comercializada, porém certamente não era a melhor, nem a mais humana”.

Neste estudo comparativo, algumas semelhanças foram identificadas e, imediatamente, esbarra-se em acontecimentos históricos vivenciados nos países: escravização, abolição, libertação. Primeiramente, é importante mencionar que “os afro-latino-americanos desempenharam papéis fundamentais no desmantelamento da escravidão na América Latina” (GURIDY; HOOKER, 2018, p. 231); segundo que Cuba e Brasil vivenciaram um processo similar, como exemplo a *Lei Moret* (Cuba - 1870) e a *Lei do Ventre Livre*, também conhecida como *Lei Rei Branco* (Brasil - 1871), sendo que o conteúdo delas determinava que os filhos, nascidos a partir da data, estariam livres, mas as suas mães permaneciam escravizadas. Sobre isso,

[...] tanto as escravas brasileiras como as cubanas se utilizavam de estratégias previstas no sistema legislativo para conseguirem a liberdade de seus filhos, portanto, sabiam usar as leis a seu favor [...]. Assim, a partir da promulgação de tais leis, as mulheres negras passaram ao centro da discussão a respeito da abolição. A gestação tornou-se então um campo de disputas, e as mulheres souberam utilizar dos argumentos expostos em tais processos com o intuito de

conseguirem a almejada liberdade. (COWLLING, 2018. In. REIS, 2020, p. 583).

A iniciativa das mães escravizadas para alcançar a liberdade, por certo foi um passo significativo enquanto não se efetivava a abolição da escravatura a todos os negros e negras. Além disso, deve-se considerar outras tentativas de combater a escravização como os quilombos que “serviram também de inspiração ideológica para [...] ativistas” (PASCHEL, 2018, p. 273); e não se esquecer da importância das revoltas escravas as quais “muitas vezes elas abalaram as autoridades coloniais, especialmente depois da exitosa revolta dos escravos que conhecemos hoje como a Revolução Haitiana” (PASCHEL, 2018, p. 273).

Cuba foi o penúltimo país americano a abolir a escravização (1886), e o Brasil com a promulgação da Lei Áurea em 1888. Lei que não mudou nem melhorou a condição subalterna de quem fora alforriado/a. Após a abolição, para os escravizados, nas palavras de Albuquerque e Filho (2006, p. 198) “deveria ter como consequência também o acesso à terra, à educação e aos mesmos direitos de cidadania que gozava a população branca”, mas o que ocorreu foi o oposto disso.

As implicações desse período são presenciadas constatemente em vários setores da sociedade quando há exclusão de direitos sociais da pessoa que tem a pele negra, e sem estudos a situação se agrava. A ficção traz um exemplo sobre a discriminação que afeta aos negros e, ao mesmo tempo tempo, oportuniza à reflexão:

O delegado, o soldado negro e o outro branco riram, gargalharam. Quando fizeram silêncio, foi o soldado negro que se aproximou, dizendo se chamar Nestor e que, se Luandi quisesse, ele estaria empregado. Era para varrer, limpar, cuidar do asseio da delegacia. E como ele não sabia ler nem assinar, não poderia ser soldado. (EVARISTO, 2017, p. 61).

Foi negado a Luandi o direito de estudar, porque teve que trabalhar desde a infância com seu pai na fazenda dos Vicêncios (os donos de tudo). Apesar de não ser mencionada na narrativa a questão do tempo que o personagem leva para aprender a escrever seu nome e a pouca leitura que tinha, acredita-se que deve levar em consideração esse fato para a desistência de Luandi em atingir seu objetivo: ser soldado. Assim, é inevitável não pensar nas dificuldades que pessoas negras e pobres encontram, ainda na contemporaneidade, para atingirem seus objetivos e, às vezes, nem conseguem, ficando, geralmente, à disposição delas trabalho pesado que não exige escolaridade, como

[...] cortando caña, chapeando, cargando el bagazo en las carretas, cortando leña, apilando el carbón, alimentando los hornos, descachando las pailas, engrasando las piezas del trapiche todas las semanas, reparando las puertas del barracón, construyendo cepos... (CÁRDENAS, 2006, p. 23).⁴

As palavras de Cárdenas mostra uma situação comum de quem era escravizado que, ainda nos tempos atuais, continua sendo uma prática no Brasil, e um exemplo disso é o fato ocorrido no estado do Rio Grande do Sul onde 207 pessoas foram resgatadas em condições análogas à escravização⁵. Ações como essas manifestam que “A escravidão sobreviveu [...], metamorfoseando-se em novas escravidões ou em práticas de trabalho forçado que se assemelhavam de forma estreita à escravidão” (FERREIRA; SEIJAS, 2018, p. 64), ou seja, vive-se um prolongamento da escravização, principalmente com mais intensidade no território brasileiro. Esses episódios têm causas, afinal “Os senhores de

⁴ [...] cortando cana, desmatando, carregando as carroças com o bagaço, cortando lenha, empilhando carvão, alimentando os fornos, esfregando os tachos, lubrificando as peças da moenda todas as semanas, consertando as portas do barracão, construindo cepos... CÁRDENAS, Teresa. *Cachorro Velho. Tradução Joana Angélica D'Avila Mello. Rio de Janeiro: Pallas, 2021. p. 31*

⁵ Notícia “Brasil bate recorde de trabalho escravo e deputados sugerem propostas, força-tarefa e até CPI”. Fonte: Agência Câmara de Notícias. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/949504-brasil-bate-recorde-de-trabalho-escravo-e-deputados-sugerem-propostas-forca-tarefa-e-ate-cpi/>.

escravos cubanos e brasileiros [...] atuavam numa ordem política que defendia a escravidão”. (BLACKBURN, 2016, p. 24). Assim, o período de terror é desenhado em cada página de *Perro Viejo* (2006) e de *Ponciá Vicêncio* (2017), envolvendo leitores de modo que reflitam o contexto atual em cada atrocidade apresentada nas duas ficções.

No Brasil, a escravização foi fortemente influenciada pela política, com vistas para o desenvolvimento econômico. Gomes (2019, p. 313) informa que tanto o açúcar quanto o café foram sinônimos de escravização e reproduz a fala do jesuíta André João Antonil que escreveu por volta de 1710: “Os escravos são as mãos e os pés do senhor do engenho, porque sem eles no Brasil não é possível fazer, conservar e aumentar a fazenda, sem ter engenho corrente” (p. 314). Portanto, tomando por base as palavras do autor, confirmamos que o café era negro e o açúcar era negro, devido ao esforço braçal, à produção, mas o lucro, certamente, era branco.

Podemos observar no fragmento seguinte que, em Cuba

A história da escravidão contou com uma variedade de abordagens: a primitiva e fria história institucional, sobre a legislação e as regulamentações locais, a quantificação do tráfico; em segundo lugar, a reconstrução das atividades de trabalho, as circunstâncias familiares, as formas de sociabilidade e organização, as crenças afrodescendentes, até chegar às histórias de vida e ao “mundo dos escravos feito por escravos”, na prolífica dimensão traçada desde a década de 1970. (PIQUERAS, 2016, p. 165).

É estarrecedor ficar diante de um quadro como esse, percebendo que a escravização dessas pessoas foi vantajosa, lucrativa, frutífera... principalmente para quem estava no poder; a bagagem cultural de africanos traficados foi anulada e desrespeitada. Além disso, Piqueras (2016, p. 165) informa que em Cuba “ a questão do negro foi definida e precedida pela preocupação com a formação nacional, seguida de consequências da exclusão da população negra

do espaço público na nova república⁶”, houve um silenciamento provisório devido “à fala de Fidel Castro na Segunda Declaração de Havana em 1962, em que ele afirma que a discriminação por raça e sexo havia sido eliminada em Cuba, colocando assim, um ponto final no debate” (MIGLIOLI; COELHO, 2021, p. 9).

Entretanto, “Tanto no Brasil quanto na América Espanhola, a palavra ‘negro’ tornou-se sinônimo de ‘escravo’, e essa equação de status racial negro com a escravidão teve consequências profundas a longo prazo” (Andrews, 2018, p. 81). Como resultado, as duas nações foram construídas sob inúmeras barbáries, sendo os indígenas, os primeiros povos a sofrerem tamanha atrocidades. Nesses territórios, os homens brancos são os senhores, tomam posse de pessoas e inferiorizam-nas, usando da violência para atingir os seus objetivos.

No ponto seguinte, a tarefa é mostrar que a memória “conserva e destrói, reelaborando o passado, ressignificando o presente e abrindo brechas para o futuro. E se o fator surpresa é o que prepondera no porvir, existe na tessitura da memória espaço para a fantasia e a ficção” (RAMOS, 2011, p. 94). A memória é a conexão que conduz as duas narrativas literárias: *Perro Viejo* e *Ponciá Vicêncio*, sendo que a cubana trata de memórias fragmentadas e dolorosas, a história de um homem negro que foi escravizado em um engenho de cana de açúcar cubano durante 70 anos, e que nunca conheceu outra realidade⁷. A ficção brasileira, refere-se “à memória individual e coletiva, pois quando Ponciá, personagem central da trama, revive o passado, pela lembrança, ela evidencia fatos, circunstâncias históricas do povo negro brasileiro” (SILVA, 2021, p.1).

⁶ A nova república referida se refere ao período de 1962 que começou a afirmação que Cuba havia eliminado a discriminação racial. (PIQUERAS, 2016, p. 164).

⁷ Entrevista com Teresa Cárdenas. PAZ, Rayanne Soares da. “Memória, identidade e resistência na literatura latino-americana”, entrevista com Teresa Cárdenas. Mafuá, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, n. 38, 2022.

4 Tortuosas memórias

Segundo Schwarcz (2019, p. 32) “andamos atualmente perseguidos pelo nosso passado e ainda nos dedicando à tarefa de expulsar fantasmas que, teimosos, continuam a assombrar”. Dessa maneira vivem muitos descendentes de africanos em Brasil, uma trajetória longa e hegemônica, uma reprodução do período colonial. Em Cuba, se vive “o racismo sistêmico e institucional, os negros são sistematicamente excluídos de empregos relacionados à indústria do turismo”.⁸

Acredita-se que a literatura pode ser uma das chaves para a reflexão e à discussão sobre esse assunto, inclusive porque ela “pode muito [...] nos fazer compreender o mundo e nos ajudar a viver” (TODOROV, 2009, p. 76), a posicionar-se e atuar na luta contra o preconceito racial, tampouco aceitar que pessoas sejam destratadas, reduzindo-as a objetos ou uma coisa qualquer, expandido a violência, pois *Perro Viejo* da autora cubana Teresa Cárdenas (2006) e *Ponciá Vicêncio* da brasileira Conceição Evaristo (2017) são representações que aprofundam essas questões, a pessoa negra não deve ser considerada mais como um objeto, mas como sujeito de suas histórias.

Ademais,

A literatura afrodescendente tenta desconstruir os estereótipos e as representações negativas relacionadas à imagem do negro, criadas e alimentadas pela barbárie e a violência dos sistemas de colonização do branco europeu, cujas narrativas são assentadas em estigmas e valores que depreciam a cultura do colonizado. (ASSIS, 2015, p. 157).

Nas histórias escritas pelas afrodescendentes, o colonizador é descrito com sua verdadeira face, aquele que age de forma dominadora. Em *Ponciá Vicêncio*, o termo “Vicêncio, segundo Barbosa (2017, p. 116) representa uma

⁸ Afro-cubanos. Portal Geledés. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/afro-cubanos/>.

herança da escravidão negra. Em relação a questão do sobrenome, são nítidos a dominação e o poder exercido sobre os/as personagens da obra; também, chama à atenção que a maioria das pessoas – tanto nos países em estudo quanto em outras culturas – herdou o último sobrenome do pai, e as mulheres tinham que obter o sobrenome do marido, reforçando o patriarcado. Na ficção, o avô, os pais, o irmão e Ponciá não tiveram direito à descendência dos ancestrais porque herdaram o nome dos patrões, anulando suas identidades.

Em *Perro Viejo*, “Nunca en su vida había traspasado el portón de la entrada del ingenio. Tenía setenta años y no recordaba haber vivido en otro sitio”⁹ (CÁRDENAS, 2006, p. 8), significando que o protagonista só conhecia a vida de escravizado. Esse “passado colonial foi memorizado no sentido em que ‘não foi esquecido’. Às vezes, preferimos não lembrar, mas, na verdade, não se pode esquecer” (KILOMBA, 2019, p. 213). Assim, as autoras brasileira e cubana compartilham seus escritos baseados na escravização, é uma representação do que a memória reteve do ocorrido em Cuba e Brasil.

Pode-se dizer que as histórias memorizadas não são apenas manifestações das lembranças já que a memória não está desvinculada dos sentimentos, além de que ela é tanto individual quanto coletiva (Ricouer, 2020). Vale informar, ainda, que a memória coletiva

É uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, já que retém do passado somente, aquilo que está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém. Por definição, ela não ultrapassa os limites deste grupo. (HALBWACHS, 1968, p. 81,82).

A memória em ambas as narrativas é um processo dinâmico, ganha significado, “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória

⁹ Nunca em sua vida havia ultrapassado a cancela do engenho. Tinha 70 anos e não se lembrava de ter vivido em outro lugar. CÁRDENAS, Teresa. Cachorro Velho. Tradução Joana Angélica D’Avila Mello. Rio de Janeiro: Pallas, 2021. p. 9.

coletiva, que esse ponto de vista muda segundo o lugar que nele ocupo e que, por sua vez, esse lugar muda segundo as relações que mantenho” (Ricouer, 2002, p. 133). Se pode perceber, então, nos romances de Evaristo (2017) e de Cárdenas (2006) que a memória dialoga com o real e o imaginário, está vinculada ao lugar de origem das escritoras, assim como a memória ancestral se direciona em uma trajetória rumo à construção identitária, pois “imagem e memória coadunam-se como esferas potentes e atadas à luta pelo poder: manipular a memória e o esquecimento é condição importante na instauração e perpetuação de um grupo hegemônico” (RAMOS, 2011, p. 97). Em Ponciá, percebemos de forma bem intensa, principalmente quando usa a memória para não se esquecer de suas origens. Já *Perro Viejo* se recordava das histórias da África contada pela negra Aroni.

Pereira e Merino (2020, p. 283) informam que o intuito de Teresa Cárdenas no romance *Perro Viejo* foi ressaltar estratégias de resistência contra o controle colonial e regime escravocrata, mostrando os acontecimentos históricos que contribuíram para a desumanização do negro. Percebemos que Cárdenas (2006, p. 15) não poupou palavras para narrar sua ficção, usa uma linguagem carregada de sentimentos de dor e de desânimo, escrevendo: “- Vida de mierda! - gruñía, y entonces deseaba con todas sus fuerzas irse por el camino, mucho más allá de donde sus ojos veían. Más allá de donde sus cansados pies podrían llevarlo. Huir lejos. Lejos del infierno y del señor. Lejos.”¹⁰

Nesse trecho, é visível que o protagonista já se sentia cansado de uma vida com tantos tormentos, sem forças para lutar contra o poderio do colonizador. De igual forma, é a situação de várias pessoas que passam por discriminação racial, cultural e/ou social e, muitas vezes, se cansam de lutar, não conseguem encontrar uma saída para se livrarem das hostilidades. A partir

¹⁰ “Vida de merda!, grunhia, e então desejava com todas as suas forças enveredar pelo caminho, muito além de onde seus olhos viam. Além de onde seus pés cansados poderiam leva-lo. Fugir para longe. Longe do Inferno e do senhor. Longe. p. 19

desses elementos da memória, “Huir lejos. Lejos del infierno y del señor. Lejos” fica nítido o sofrimento do personagem e o anseio pela liberdade que, no entanto, parece muito distante de ser alcançada.

No romance *Ponciá Vicêncio*, Conceição Evaristo ficcionaliza uma face da abolição da escravatura, mostrando a relação de dependência entre senhores e seus escravizados (já que se sentiam donos dos mesmos), sem a visão romantizada sobre esse período, mostrando a dureza da vida imposta às pessoas negras da época. Nas memórias da escritora, notamos que a escravização continua presente e muito forte, é um passado que “ajuda a compor as aparências do presente, mas é o presente que escolhe na arca as roupas velhas ou novas (BOSI, 1992, p. 35), pois

A vida escrava continuava até os dias de hoje. Sim, ela era escrava também. Escrava de uma condição de vida que se repetia. Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida. (EVARISTO, 2017, p. 72).

Nessa narrativa, percebe-se que a todo instante se escraviza e instiga reflexão sobre a situação de subserviência dos afrodescendentes e a questionar as formas opressoras e discriminatórias da atualidade. Essas palavras de Evaristo demonstram uma diversidade de escravização é, sem dúvida, angustiante e, ao mesmo tempo, motivo para resistir às imposições e promover mudanças, principalmente, diante das escravizações domésticas (impostas às mulheres).

Rememorando a escravização, um período tortuoso e de crueldade, Cárdenas traz uma passagem em seu romance cujo protagonista, de cabeça baixa, fala ao feitor que lhe faltou o fornecimento de roupa, porém o que coube a Perro Viejo foi um “[...] golpe demasiado rápido y se enteró de lo que había pasado cuando la sangre le ganava el rostro y no podía moverse, porque estava

tirado en el suelo, con la bota del mayoral apretándole el pecho” (CÁRDENAS, 2006, p. 35)¹¹. Sobre isso, James (2010, p. 27) aponta que

[...] essas práticas bestiais eram características normais da vida do escravo. A tortura com o chicote, por exemplo, tinha ‘milhares requintes’, mas havia variedades tão comuns que recebia nomes especiais. Quando as mãos e os braços eram amarrados a quatro postes fincados no chão, dizia-se a ‘quatro postes’; [...] se suspenso pelos quatro membros era ‘rede de dormir’, etc.

Tanto a ficção cubana quanto as palavras de James (2010) levam a lágrimas, inclusive porque o passado se faz presente, há muitas pessoas pretas e pobres sendo violentadas no território brasileiro. Em uma entrevista no *BBC News Mundo*, (publicada em 28 janeiro 2023) o pesquisador José Antonio Figueroa informa que o “Racismo foi inventado pelas elites da América Latina para substituir a escravidão”, informando que republicanos cubanos “pensavam em quais deveriam ser as estratégias para evitar que a população afro-cubana continuasse existindo. Em outras palavras, eles pensaram em deportação, em genocídio [...] como uma forma de eliminar gradativamente os afrodescendentes”.¹²

Outra memória muito cruel que vai além do chicote e do sangramento, podemos ver neste trecho:

Vô Vicêncio faltava uma das mãos e vivia escondendo o braço mutilado pra trás. Ele chorava e ria muito. Chorava feito criança. Falava sozinho também. O pouco tempo em que conviveu com o avô, bastou para que ela guardasse as marcas dele. Ela reteve na memória os choros misturados aos risos, o bracinho cotoco e as palavras não inteligíveis de Vô Vicêncio. (EVARISTO, 2017, p. 15).

¹¹ [...] rápido golpe que recebeu, só se deu conta do que havia acontecido quando o sangue já lhe ganhava o rosto e ele não conseguiu se mover, porque estava caído no chão, com a bota do feitor lhe apertando o peito. p. 9.

¹² Na entrevista, o escritor explica que a estrutura continua até dos dias de hoje e que “o Haiti nos ensinou — as ideias de igualdade, fraternidade e liberdade a partir da ruptura com a escravidão como ponta de um projeto de soberania nacional — poderia ter sido um grande legado, mas se tornou motivo de radicalização e de expansão do medo do preto.” Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-64421540>.

Diante dos “choros misturados aos risos” um sintoma de loucura, traz à lembrança o conto *Escrava* de Maria Firmina dos Reis, a qual enlouqueceu com a venda e a separação de um dos filhos gêmeos, demonstrando que um sofrimento tão intenso desestabiliza emocionalmente uma pessoa. A imagem do “bracinho cotó” também merece atenção, porque “As mutilações eram comuns: membros, orelhas e, algumas vezes, as partes pudendas para desposjá-los dos prazeres aos quais eles poderiam entregar sem custos.” (JAMES, 2010, p. 27). Observa-se que as torturas foram práticas habituais exercidas pelos escravistas tanto física quanto psicológica; assim, entende-se que é fundamental evitar as práticas preconceituosas e verbalizar as expressões como: “a coisa tá preta”, “denegrir”, “cabelo ruim”, “esclarecer” entre outras de cunho racista, pois determinam a desqualificação dos afrodescendentes que buscam afirmar a identidade e o desrespeito pela origem étnico-racial.

Entendendo a memória como representação sobre o passado que explica os fatos do presente e, ao mesmo tempo, projeta o futuro, encontramos esta passagem em *Ponciá Vicêncio*:

Deu-lhe um violento soco nas costas, gritando-lhe pelo nome. Ela devolveu o olhar de ódio. Pensou em sair dali, ir para o lado de fora, passar por debaixo do arco-íris e virar logo homem. Levantou, porém, amargurada de seu cantinho e foi preparar a janta dele. (EVARISTO, 2017, p. 19).

Nesse trecho, está explícita a violência doméstica tão recorrente nos dias atuais, visto que na escravização espancar as mulheres quando não serviam aos senhores brancos e suas senhoras era uma prática muito comum. Olhares de ódio, fúria e revoltas são postos em silêncio pela protagonista, mas é óbvio que se trata de resistência aos desmandos do homem (seu marido). Dessa forma, Evaristo, além de escrever o fato, transmite os sentimentos implícitos mediante

a violência sofrida, refletindo nos leitores suas emoções e seu projeto de escrevivência:

Às vezes, não poucas, o choro da personagem se confundia com o meu, no ato da escrita. Por isso, quando uma leitora ou um leitor vem me dizer do engasgo que sente, ao ler determinadas passagens do livro, apenas respondo que o engasgo é nosso. (EVARISTO, 2017, p.7)

Na expressão, “passar por baixo do arco-íris e virar logo homem” percebe-se que “a fruição é só lembrança, destoante do que vivencia: uma relação de violência de incomunicabilidade com o marido. [...] ausência de sexualidade e vida amorosa, personagem em processo de desequilíbrio (SILVA, 2017, p. 3). Também, é possível inferir que o desejo de se tornar “homem” é uma forma de livrar-se do sofrimento e um reforço ao patriarcado. Sendo a protagonista mulher, pobre e negra, aumenta-se o desejo de “passar por baixo do arco-íris”. Afinal, se vive

Numa sociedade como a brasileira, de herança escravocrata, pessoas negras vão experienciar racismo do lugar de quem é objeto dessa pressão, do lugar que restringe oportunidades por conta desse sistema de opressão. Pessoas brancas vão experienciar do lugar de quem se beneficia dessa mesma opressão. Logo ambos os grupos podem e devem discutir essas questões, mas falarão de lugares distintos. (RIBEIRO, 2021, p. 85).

As palavras de Ribeiro comprovam que o racismo está longe de ser extinto da sociedade brasileira, devido ao fardo da escravização, mas a partir do momento no qual se entende que “a memória é um fenômeno sempre atual, um vínculo vivido no presente eterno” (Ricoeur, 2020, p. 413), possibilitando que as marcas do colonialismo não caiam no esquecimento. Parafraseando Ribeiro (2021, p. 85), é importante reivindicar que a história sobre a escravização seja contada sob o ponto de vista de quem esteve ou está no lugar desse sofrimento. Nesse sentido, a narrativa de Evaristo faz muito sentido.

A violência sofrida por Ponciá e Perro Viejo tem a mesma origem. Primeiro, porque é resultante de um sistema escravagista, sendo “normal” agredir negras e negros. Segundo, porque ambos os personagens estão sob domínio e imposição, fortalecendo ações hegemônicas, pois nas relações de dominação, o privilégio sempre ficou para os brancos, restando aos dominados a exploração de trabalho e o tratamento desumano. Em decorrência disso, se consolida mais um dos males sociais: o racismo.

O racismo é, também, consequência do colonialismo. Sobre isso, o pensamento de Nascimento (2021, p. 52) é uma contribuição para refletir “uma série de comportamentos, de hábitos, de maneiras de agir e de ser inerentes ao brancos (agente) como ao negro (paciente)”, principalmente quando se trata de níveis econômicos e jurídicos. De acordo com essa referência, toda atenção à medida que se utiliza termos, como “‘aceitação’, ‘integração’, ‘igualdade’ [...] é mostrar na prática como a ideologia de dominação representa nela mesma, através da linguagem, o preconceito, evidencia [...] o racismo, a discriminação (NASCIMENTO, 2021, p. 53). As memórias contadas pelas escritoras amefricanas não deixam esquecer quanto foi doloroso o passado, principalmente para quem foi escravizado, portanto é preciso lembrar para que, nas projeções futuras, não haja reincidências desse período e de sentimentos como estes:

El guardiero había conocido la tristeza, el dolor incesante de todas sus pérdidas, la inquietud del miedo que no se iba, el olor amenazante de la tortura y la muerte. Sin embargo, desconocía por completo cualquier cosa que tuviera que ver con el amor. Dudaba que su corazón tuviera fuerzas o la resistencia necesaria para encontrar el camino correcto y llegar hasta aquel sentimiento. (CÁRDENAS, 2006, p. 25).¹³

¹³ O porteiro tinha conhecido a tristeza, a dor incessante de todas as suas perdas, a inquietação do medo que não ia embora, o cheiro ameaçador a tortura e da morte. No entanto, desconhecia qualquer coisa que tivesse a ver com o amor. Duvidava de que seu coração tivesse a força ou a resistência necessária para encontrar o caminho correto e chegar àquele sentimento. CÁRDENAS, Teresa. Cachorro Velho. Tradução Joana Angélica D’Avila Mello. Rio de Janeiro: Pallas, 2021. p. 33

Nessa lembrança, Cárdenas faz um processo semelhante ao de Evaristo quando expõe os sentimentos de Ponciá mediante ao sofrimento dela. Pode-se perceber que a escritora cubana também mostra as sensações de tristeza, o medo e a inquietação de Perro Viejo, não tendo espaço para o amor, tampouco sentir certeza da capacidade de amar. Diante disso, a possibilidade de amar fica anulada, porque o que se tem é apenas tortura e morte. Assim, segundo a autora cubana essa é “uma literatura de memória, do que herdei dos meus antepassados e que hoje vive sob a minha pele”¹⁴ e permite que não se perca de vista as reflexões, os ideais e as emoções individuais sobre os acontecimentos.

5 Considerações finais

A escravização ocorrida durante a colonização nos países que compõem a América Latina foi um processo longo, sendo que no Brasil foi mais lento e mais violento. As autoras Teresa Cárdenas e Ponciá Vicêncio narraram situações em seus romances *Perro Viejo* (2006) e *Ponciá Vicêncio* (2017) que retrataram uma parte da escravização que possivelmente nenhum livro didático ou mesmo científico que relata os fatos sucedidos informou. Isso porque as escritoras mostraram, em seus romances, os sentimentos daqueles que sofreram as atrocidades da época. A brasileira, com seu projeto de escrivência que, segundo Evaristo (2020, p. 11), significa “ desfazer uma imagem do passado em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças”. Já a cubana, por ser mulher latino-americana,

¹⁴ Entrevista na Revista Mafuá, PAZ, Rayanne Soares da. “Memória, identidade e resistência na literatura latino-americana”, entrevista com Teresa Cárdenas. Mafuá, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, n. 38, 2022.

descendente de escravizado, acredita que as histórias a escolheram e vivem sob a sua pele, denominado como literatura de memória.

Essas literaturas que, ao mesmo tempo, retratam histórias violentas, principalmente, dos povos que atravessaram o Atlântico, também servem de reflexão e explicação para toda discriminação racial ocorrida em Cuba (com menor intensidade) e no Brasil que tem casos recorrentes, inclusive com atos de extrema agressividade e violência. Além disso, essas produções escritas por essas duas mulheres negras são contribuições valiosas para a discussão do pensamento decolonial e motivação para atuação pelas causas antirracistas.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Emanuel Cesar Pires. Poesia negra: uma crítica ao discurso da estética ocidental. In: NERY, Elenice Maria. SOUZA, Elio Ferreira de. COSTA, Sílvia Maria Fernandes Alves da Silva Costa. (Org.). *Entre negros e brancos. O que ficou? – Diásporas, identidades e representações em literaturas africanas e afrodescendentes nas Américas*. ISBN 978-85-462-0172-3. Jundiaí: paco Editorial, 2015. p. 151-161.

ANDREWS, George Reis. FUENTE. Alejandro de la. (Org.). *Estudios afro-latino-americanos: uma introdução*. ISBN 978-987-722-378-1 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018. p. 75-118

BECHARA, Evanildo C. (Org.). *Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras: Língua Portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 526.

BLACKBURN, Robin. Por que segunda escravidão? In: MARQUESE, RAFAEL. SALLES, RICARDO. *Escravidão e capitalismo histórico no século XIX: Cuba, Brasil e Estados Unidos*. (Org.). 1. ed. ISBN 978-85-20-01275-8. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 13-54.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. ISBN 85-7164-276-1. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CAMPELLO, André Barreto. *Manual jurídico da escravidão: Império do Brasil*. 1ªed. Jundiaí: Paco, 2018. ISBN 978-85-462-1207-1.

CÁRDENAS, Teresa. *Cachorro Velho*. Tradução Joana Angélica d'Ávila Melo. Rio Janeiro: Pallas, 2010.

CÁRDENAS, Teresa. *Perro Viejo*. Casa de las América, Cuba, 2006.

EVARISTO, CONCEIÇÃO. Depoimentos. Maio de 2009. In: DUARTE. Constância Lima. *Escritoras mineiras: Poesia, ficção, memória*. Viva Voz, FALE/UFMG. ISBN: 978-85-7758-088-0. Belo Horizonte, 2010.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução Sebastião Nascimento. ISBN9786586497205. São Paulo: Ubu, 2020.

GOMES, Laurentino. *Escravidão: do primeiro leilão de ativos em português até a morte de Zumbi do Palmares*. v. 1. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019. ISBN 978-65806-3401-9.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. In: RIOS, Flávia. LIMA, Márcia. (Org.) *Por um feminismo afro-latino-americano*. ISBN 978-85-378-1889-3. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020. p. 139-150.

GURIDY, Frank A. HOOKER, Juliet. Tendências do pensamento político e social afro-latino-americano. In: ANDREWS, George Reis. FUENTE, Alejandro de la. (Org.). *Estudios afro-latino-americanos: uma introdução*. ISBN 978-987-722-378-1 1. ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018. p. 219-268.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

JAMES, C.L.R. *Os jacobinos negros: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos*. Tradução Afonso Teixeira Filho. São Paulo: Boitempo, 2010.

KILOMBA, GRADA. *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. ISBN-13: 9788555910807. ISBN-10: 8555910803

MIGLIOLI, A. COELHO, S. de C. F. *Racismo e revolução cubana: contribuições para um debate marxista*. Cadernos Cemarx, Campinas, SP, v. 14, n. 00, p. e021007, 2021. DOI: 10.20396/cemarx.v14i00.15154. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cemarx/article/view/15154>. Acessado em: 1 nov. 2022.

NASCIMENTO, Beatriz. *Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos*. Alex Ratts (Org.). 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

PEREIRA, Walquíria Rodrigues. MERINO, Ximena Antônia Díaz. *Historia y esclavitud en Cuba: la memoria de Perro Viejo en la narrativa de Teresa Cárdenas*. DOI: 10.30612/raido.v14i35.12155. Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 35 | p. 282 - 290 | mai/ago 2020. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/12155>. Acessado em 05 de jun. 2022.

PIQUERAS, José Antônio. *Escravidão histórica e capitalismo na historiografia cubana*. Tradução: Angélica Freitas. In: MARQUESE, RAFAEL. SALL ES, RICARDO. *Escravidão e capitalismo histórico no século XIX: Cuba, Brasil e Estados*

Unidos. (Org.). 1. ed. ISBN 978-85-20-01275-8. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 163-159.

RAMINELLI, Ronald. *Reformadores da escravidão Brasil e Cuba c. 1790 e 1840*. *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 37, n. 73, p. 119-154, jan/abr 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-87752021000100005>. Acessado em: 15 abr. de 2022.

RAMOS, Danielle Cristina Mendes Pereira. *Memória e literatura: contribuições para um estudo dialógico*. *Linguagem em (Re)vista*, Ano 6, Nos. 11/12. Niterói, 2011. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/linguagememrevista/11/07.pdf>. Acessado em: 08 de jun. 2022.

REIS, Laura Junqueira de Mello Reis. *Gênero, agência escrava e estratégias de negociação: processos de abolição em Havana e Rio de Janeiro, século XIX*. *Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UnB Em tempo de histórias*. ISSN 2316-1191. Brasília-DF | n. 36 | p. 582-585 | jan./jun. 2020.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Jandaíra, 2021.

RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução Alain François et al. 9. ed. Campinas: Unicamp, 2020.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. 24/05/2019. ISBN: 9788535932195. Companhia das Letras. Disponível em: https://www.mprj.mp.br/documents/20184/1330165/Sobre_o_autoritarismo_brasileiro.pdf. Acessado em: 03 de mar. de 2022.

Recebido em 30/08/2023.

Aceito em 25/04/2024.